

cer colorretal em todas as faixas etárias (14 a 49 anos) em ambos os sexos.

Conclusão(ões) O câncer colorretal ainda é um dos mais prevalentes na população em geral, possuindo alta taxa de mortalidade se não diagnosticada nos estágios iniciais da doença. Neste estudo vemos a incidência desta neoplasia em idades inferiores a 50 anos, e uma tendência crescente para esta faixa etária. Este resultado chama a atenção para a falta de cuidado que estes grupos etários mais jovens recebem para a prevenção e rastreamento para o câncer colorretal. Uma possível causa para este aumento da incidência deste em menores de 50 anos é o aumento da exposição a fatores nutricionais insatisfatórios, como aumento de carboidratos e gordura na adolescência. Assim, o presente estudo apontou para um aumento drástico nas taxas de internação hospitalar por câncer colorretal no período estudado, especialmente para a faixa etária de 45 a 49 anos. Há necessidade de mais estudos com maior amostragem mas o presente estudo aponta para a necessidade de triagem em faixa etária de 45 a 49 anos pois diagnósticos mais precoces poderiam ser feitos, já que é a idade em que a curva de diagnóstico cresce mais exponencialmente.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.315>

261

Prevalência de incontinência fecal e qualidade de vida em mulheres atendidas pela estratégia de saúde da família

R. Kelner Silveira, M.P.B. Saturnino, S. Lee, D.S. Agripino de Melo Filho, L.A.L. Vieira de Melo

Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira (IMIP), Recife, PE, Brasil

Área Doenças do assoalho pélvico/Fisiologia Intestinal e Anorretocólica

Categoria Pesquisa básica

Forma de Apresentação Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s) Determinar a prevalência, fatores associados e o perfil da qualidade de vida de mulheres com incontinência fecal atendidas na atenção primária no Recife.

Método Corte transversal com 350 mulheres adultas que responderam aos questionários: sociodemográfico, história clínica, Escore de Wexner, Short Form Health Survey – SF – 36 e Fecal incontinence Quality of Life – FIQL. O X² de Pearson e, quando necessário, o teste exato de Fisher, foram usados para comparar variáveis categóricas. E o teste de Mann-Whitney e o t de Student, para as variáveis contínuas. As correlações entre as variáveis foram avaliadas pelo coeficiente de correlação de Pearson (r). Foram calculadas as OR (odds ratio), brutas e ajustadas, os respectivos intervalos de confiança (95%) e valores de p. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS).

Resultados A prevalência da incontinência fecal (IF) foi de 6,57%. Após o ajuste de fatores de confusão, por meio de regressão logística, status econômico (p=0,039), gravidez gemelar (p=0,003) e uso de antidepressivo (p=0,019) manteve-se a associação com IF. A média dos escores em seis dos oito

domínios e nos dois escores sumários do SF-36 das mulheres com IF foi menor do que a do grupo sem incontinência.

Conclusão(ões) Em conclusão, os achados do presente estudo demonstraram que a prevalência de incontinência fecal em mulheres atendidas pela estratégia de saúde da família do Recife tem uma magnitude expressiva. Além disso, o problema está associado a piores escores de qualidade de vida. Além disso nossos dados não sugeriram uma associação de FI com história obstétrica. A associação ocorreu na história gestacional, quando analisamos a gestação gemelar. Estes resultados devem ser confirmados por novos estudos, incluindo amostras maiores de mulheres afetadas. É necessário que seja dada uma atenção especial à ocorrência do problema no âmbito da atenção primária onde o problema foi estudado. Uma busca ativa de sintomas de IF poderá detectar o problema precocemente e instituir uma terapêutica adequada para as mulheres.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.316>

262

Análise dos fios de polidioxanona e polipropileno na esfínteroplastia primária pós-fistulotomia no tratamento de fístulas transesfínterianas em ratos

O.A.V. Tanus^a, C. Magalhães^b, C.H.M. dos Santos^a, A.L. Conde^a, D.M. Dourado^c, F. Giuncane^c, I.F. de Souza^c, I.O. Costa^c

^a Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (HUMAP), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil

^b Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil

^c Universidade Anhanguera-Uniderp, Campo Grande, MS, Brasil

Área Estudos Experimentais Animais em Coloproctologia

Categoria Pesquisa básica

Forma de Apresentação Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s) Analisar a eficácia dos fios de polidioxanona e polipropileno na esfínteroplastia primária pós-fistulotomia no tratamento de fístulas transesfínterianas em ratos.

Método Utilizou-se 30 ratos Wistar, submetidos à anestesia peritoneal com Xilasina e Cetamina, seguida de transfixação do esfíncter anal com fio de aço, que permaneceu por 30 dias para desenvolvimento da fístula anal. Após esse período, o fio de aço foi removido e foram formados quatro grupos: A (controle), sem tratamento; B (Fistulotomia) submetido a tal procedimento e curetagem apenas; C (Polidioxanona) em que foi feita esfínteroplastia com fio polidioxanona após a fistulotomia; D (Polipropileno) submetido ao mesmo tratamento do grupo C, porém com fio de polipropileno. Após 30 dias foi praticada a eutanásia e remoção dos espécimes, para análise histopatológica qualitativa, medição da área de afastamento dos cabos musculares e avaliação do grau de fibrose local.

Resultados Houve persistência da fístula em todos os animais do Grupo A. Não houve diferença significativa entre os



grupos B, C e D quanto ao afastamento dos cabos musculares e ao grau de fibrose causado pelos diferentes tratamentos.

Conclusão(ões) Não houve diferença entre os fios de polidioxanona e polipropileno na esfínteroplastia primária pós-fistulotomia, e esta técnica não foi superior à simples fistulotomia quanto ao afastamento dos cabos musculares nem apresentou diferenças em relação ao grau de fibrose local.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.317>

518

Fatores de risco para abscesso em pacientes submetidos a anastomoses baixa e ultra-baixas colorretais



M.B.S. Silva, T.Y.F. Koga, L.M. Silva, B.P. Sampaio, I.J.F.C. Neto, A.D.S. Rolim, R.F.L. Souza, L. Robles

Hospital Santa Marcelina, São Paulo, SP, Brasil

Área Doenças malignas e pré-malignas dos cólons, reto e ânus

Categoria Pesquisa básica

Forma de Apresentação Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s) Analisar fatores de riscos associados a formação de abscessos em pacientes submetidos a anastomoses colorretais baixa e/ou ultra-baixas.

Método Trabalho qualitativo e retrospectivo realizado a partir de dados obtidos de 50 prontuários eletrônicos do Hospital Santa Marcelina, São Paulo (SP), entre 2013 e 2017, referentes a pacientes submetidos a cirurgias com confecção de anastomoses colorretais baixa e ultra-baixa. Foram avaliadas as seguintes variáveis: sexo, tabagismo, diabetes, tipo de acesso cirúrgico, tipo de sutura, altura da anastomose, confecção de ileostomia de proteção e incidência de deiscência da anastomose.

Resultados Oito pacientes (16%) apresentaram abscesso como complicação pós-operatória com maior ocorrência em mulheres (87,5% - $p < 0,05$) e superior necessidade de reoperação ($p < 0,05$). Quanto às comorbidades, 25% ($p = 0,549$) dos indivíduos relataram tabagismo ativo ou prévio e 12,5% ($p = 0,622$) eram pacientes diabéticos. Com relação à via de acesso cirúrgico, laparotômico ou laparoscópico, ($p = 0,414$) e altura da anastomose ($p = 0,10$) não se verificou diferença entre essas variáveis no desenvolvimento de abscesso pélvico pós-operatório

Conclusão(ões): Evidenciou-se maior probabilidade de formação de abscesso pélvico após anastomoses baixas ou ultrabaixas em mulheres, sem uma influência da via de acesso cirúrgico ou altura da anastomose.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.318>

263

Avaliação dos fios de polipropileno e poliglactina na esfínteroplastia primária no tratamento da fístula anal em ratos



Conde Al^a, Magalhães Cc^b, dos Santos Chm^a, Dourado Dm^c, Giuncanse F^c, de Souza If^c, Tanus Oav^a, Costa Rl^c

^a Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (HUMAP), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil

^b Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, MS, Brasil

^c Universidade Anhanguera-Uniderp, Campo Grande, MS, Brasil

Área Estudos Experimentais Animais em Coloproctologia
Categoria Pesquisa básica

Forma de Apresentação Tema Livre (apresentação oral)

Objetivo(s) Comparar os fios de polipropileno e poliglactina na esfínteroplastia primária em ratos submetidos a fistulotomia.

Método Utilizou-se 30 ratos Wistar, submetidos a anestesia peritoneal com Cetamina e Xilasina, seguida de transfixação do esfínter anal com fio de aço, que permaneceu por 30 dias para desenvolvimento da fístula anal. Após este período, o fio de aço foi removido e foram formados quatro grupos: A – Controle (n=5), sem tratamento; B – Fistulotomia (n=5), realizada fistulotomia apenas; C – Polipropileno (n=10), em que foi realizada fistulotomia seguida por esfínteroplastia primária com fio de polipropileno; D – Poliglactina (n=10), em que foi realizada fistulotomia seguida por esfínteroplastia primária com fio de poliglactina; após 30 dias os animais foram novamente anestesiados e submetidos a eutanásia por aprofundamento do plano anestésico para a remoção dos espécimes, analisando-se fechamento da fístula, afastamento dos cabos musculares e processo inflamatório.

Resultados A fístula persistiu em todos os animais do grupo controle e em nenhum dos demais grupos; dos grupos tratados a área de afastamento dos cabos musculares foi 1.620 μm , 4.665 μm e 2.520 μm , respectivamente nos grupos B, C e D; em relação à fibrose as médias foram 2,4, 2,8 e 3,6, respectivamente nos grupos B, C e D, demonstrando maior fibrose neste último grupo.

Conclusão(ões) Não houve persistência da fístula em nenhum dos animais tratados, não houve diferença no afastamento dos cabos musculares entre os grupos submetidos a esfínteroplastia primária com polipropileno ou poliglactina, e nem destes com o grupo tratado apenas por fistulotomia. Houve maior fibrose nos animais tratados por esfínteroplastia primária com poliglactina.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2019.11.319>